18.

Rua Simpatia 23
Vila Madalena – SP
05436-020

Veredas

"Para isso, fechem seus olhos redondos, seus olhos visíveis e aceitem ver cegamente cada uma das palavras que eu digo. São tantas as coisas que, avistadas de relance, jamais poderão ser vistas".

Pinturas, Victor Segalen

Essa exposição é sobre um livro que se expande nas obras dos artistas aqui apresentados. Como se esse livro fosse um arquipélago e as obras exibidas fossem ilhas, margeadas pelo mar ou oceano que as envolve, cada uma única e múltipla. Quando leio e releio e penso sobre Guimarães Rosa lembro do poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant (1928 - 2011), da sua "Poética da Relação", do seu pensamento que busca desconstruir identidades fixas, nos ofertando sua visão de um mundo que é um imenso arquipélago. Um de seus conceitos que mais gosto é sobre a opacidade; a sua defesa do direito de não ser totalmente transparente, compreendido, evitando – assim – escapar de nos reduzir (e também as coisas) à estereótipos. Sua identidade caribenha (como ele diz, construída a partir de resíduos, de rastros) abriga as memórias e vestígios da história de escravidão, tendo um de seus aspectos mais valorosos a oralidade.

Glissant fala dos rastros dos deuses africanos, de seus costumes e línguas, inclusive a crioula, o rastro do jazz e as músicas locais e da América que se espalharam pelo mundo, os rastros de uma errância que nos [des]orienta. O rastro está em toda parte, ele que faz nosso caminho, nossa estrada e encruzilhada. "Sabemos que rastro é o que nos coloca a todos, de onde quer que venhamos, em Relação". Glissant e sua "Poética da Relação", que nos permite ver o insondável; assim como Guimarães Rosa (1908 - 1967) e sua obra. Seja na terceira margem do rio ou no grande sertão, as veredas se oferecem ao leitor. E também ao espectador.

Veredas explora diversas linguagens como desenho, escultura, fotografia, gravura, joalheria, moda, objeto, pintura, serigrafia e texto; e reúne cerca de 40 obras de 21 artistas de cerca de dez Estados do país, e um "estrangeiro": Adriana Meira (BA), Alina Amaral (AL), André Felipe (SP), Antônio Pereira da Silva (Sitó) (CE/MT), Carolina Krieger (SC), Davi de Jesus do Nascimento (MG), Eveline Sin (RN), Everson Fonseca (AL), Chrissie Barban (SP), Flávia Fabbriziani (SP), Gabriel Pessagno (SP), Janice Perez (MG), James Rowland (Escócia/Austrália/RJ), Letícia Lopes (RS), Lia Chaia (SP), Mariana Coan (SP), Marilá Dardot (MG), Nazareno (SP), Patrícia Guerreiro (RJ), Ricardo Sanchez (MG) e William Baglione (SP).

E suas escolhas poéticas também me trazem o entendimento do ici-là , o "aqui-lá", que para Glissant representa a coexistência e a simultaneidade de diferentes contextos, identidades, lugares, perspectivas, realidades e temporalidades propondo uma amálgama de culturas, estórias, histórias, geografias, subjetividades etecetera e tal. Aqui ou acolá, Glissant e Rosa - de muitas maneiras em suas produções - reforçam a necessidade de uma ruptura com a "leitura binária e dicotômica" do espaço e do tempo.

A coletiva dá continuidade à pesquisa que venho desenvolvendo há anos, que une artes visuais e literatura (como em 2020 sobre Hilda Hilst, no MIS/SP), e que no ano passado também se desdobrou em duas curadorias homenageando a escritora inglesa Virginia Woolf (na Galeria 18) e o tcheco Franz Kafka (na Biblioteca Mário de Andrade). Agora é a vez de celebrar um escritor brasileiro homenageando a obra-prima do autor mineiro, Grande Sertão: Veredas, que completa 70 anos. Em tempo, está previsto para março ou abril o lançamento da tão aguardada biografia de Rosa.

A fabul[ação]

A curadoria também reverencia um artista cuja obra pode ser lida em diálogo direto com Guimarães Rosa: Arthur Bispo do Rosário (1911 – 1989), com seu universo simbólico, marcado por inventários, mapas mentais, estandartes e objetos de consagração que, juntos, constroem um sertão interior, onde a linguagem é reordenada e o mundo é novamente nomeado. De novo, assim como Riobaldo narra para compreender, Bispo cria para organizar o caos do real em um gesto de sobrevivência e sentido. **Veredas** procura evidenciar, costurar uma narrativa no qual a aridez, a fertilidade, a magia e a densidade existencial do sertão rosiano são materializadas visualmente.

O livro

Grande Sertão: Veredas completa 70 anos como uma obra cuja importância não reside apenas em seu estatuto de clássico, mas na sua vitalidade atemporal. Publicado em 1956, o romance de Rosa permanece como um dos pontos mais altos da literatura brasileira justamente por sua capacidade de reinventar o idioma, o imaginário e a própria ideia de narrativa. Mais do que um livro, ele se afirma como um território simbólico: um sertão que não é geográfico, mas existencial, ético e metafísico; e que não apenas se lê, mas que se atravessa. E inaugura uma radicalidade formal que tensiona a linguagem até seus limites em um contexto de invenção contínua, onde o português se dobra, se fragmenta e se recompõe a partir da oralidade, do neologismo, da musicalidade e da filosofia popular. Essa dimensão imagética, literária, sonora aproxima o livro das artes visuais. O sertão rosiano, feito de encruzilhadas, travessias e veredas dialoga com uma tradição visual brasileira que pensa o Brasil como uma metáfora. As simbologias do romance são centrais para essa força transdisciplinar. O diabo, que Riobaldo tenta nomear e negar, não é uma entidade externa, mas uma figura do conflito interno, ele é humano.

Narrado em forma de confissão. Ao longo de um extenso monólogo, Riobaldo, exjagunço do sertão mineiro, relata sua vida a um interlocutor silencioso — um homem da cidade, letrado — tentando compreender o sentido de suas escolhas, de suas guerras e, sobretudo, de seus pactos interiores. O enredo não se organiza de modo linear: ele avança e recua no tempo, como a própria memória, misturando acontecimentos externos e reflexões íntimas. A narrativa acompanha a trajetória de Riobaldo desde sua juventude errante até sua ascensão como líder jagunço. No sertão, ele se envolve em bandos armados que lutam entre si, movidos por códigos de honra, vingança e poder. Embora o conflito narrativo central coloca em confronto dois chefes: Joca Ramiro, figura mítica, símbolo de justiça e ordem; e Hermógenes, representação da violência absoluta, do caos e da traição; há um outro centro, afetivo e simbólico na história materializado na figura de Diadorim, companheiro de armas de Riobaldo, personagem envolto em mistério. A relação entre os dois é marcada por uma amizade intensa e por um amor contido, jamais plenamente nomeado. Riobaldo vive esse vínculo como conflito moral e existencial, pois

Diadorim encarna aquilo que escapa às categorias fixas: desejo, identidade, segredo. Apenas no desfecho, após a morte de Diadorim, revela-se que ele era uma mulher disfarçada, uma revelação que não resolve, finda o drama, mas o aprofunda.

A exposição e suas veredas

As obras aqui exibidas encarnam uma poética que une afeto, identidade e gênero que reverbera fortemente na produção artística contemporânea, especialmente obras que questionam normas, papéis e narrativas fixas. Nos trabalhos de Alina Amaral, Adriana Meira, Chrissie Barban e Gabriel Pessagno vemos o tecido e o metal que cobre, protege e veste a pele; e que também contam estórias e histórias bordadas e soldadas, que materializam literalmente a linha da escrita como aquela que desenha, mesmo com fogo. Realizam uma travessia que vai do regional ao medieval, mas além de tudo atemporal. Alina exibe uma peça também criada especialmente para **Veredas**, com retalhos, refugos de cambraia de linho bordada com diversas linhas e pedrarias. Ela reforça nesse trabalho o reuso orgânico de materiais que é uma marca em sua produção. E que não é única, mas coletiva, com a participação de cada uma das 22 mulheres de comunidades alagoanas que trabalham junto com ela. No vestido gigante (ou um grande manto cerimonial?) elas bordam com a própria letra seus nomes. Nessa "torre de babel" a narrativa lítero-visual abriga várias simbologias. No chão craquelado do sertão artérias são rios serpenteando por grandes veredas.

Vemos a artesania de Adriana que desenvolveu duas peças exclusivas para a coletiva: um colete de couro de bode e um vestido com linho rústico, uma roupa que da sua maneira personifica subjetivamente o "jagunço poeta que é Riobaldo", como ela mesmo afirma. Suas criações misturam técnicas como bordado, colagem, costura e pintura, que carregam histórias, memórias e influências. E aqui não posso me omitir de dizer que ela é uma discípula direta do estilista mineiro Ronaldo Fraga, que com uma assinatura autoral - tal qual Fraga - entende a moda brasileira como um território de expressão afetiva e simbólica. A artista realiza, como ela mesmo diz, "um encantamento com o invisível, com a espiritualidade e a conexão ancestral".

Chrissie, que também tem formação em moda (pela Faap/SP), explora o universo da joalheria moderna, se apropriando de técnicas tradicionais, mas sempre as renovando com o uso de diversos materiais. Suas joias podem ser vestidas como um parangolé de Oiticica, usadas como um capacete (ou uma coroa?), como uma armadura reluzente que transcende sua materialidade e incorpora na sua construção novas e outras narrativas. Ela é a fundadora do Núcleo de Joalheria Contemporânea e idealizadora da Brazil Jewelry Week (BJW), e tem como eixos na sua produção arte, joalheria, moda e pesquisa. Gabriel, além de artes visuais estudou moda (na Itália) e joalheria (na França). Sua habilidade manual e seu interesse pelo têxtil é visível em seus trabalhos bordados com linha de algodão sobre linho. Aqui, ele nos traz obras nas quais símbolos históricos se transfiguram em formas humanas que flertam com criaturas fantásticas e que coexistem sem hierarquia em uma natureza narrativa que se mostra documental e mitológica. Como se cada ponto bordado desse contorno, preenchimento, relevo e textura que se entrelaçam e se reinscrevem no aqui e agora.

Vemos e somos tentados a tocar, a possuir o arame farpado banhado em ouro, o que protege e repele nas obras de Patrícia Guerreiro, trazendo na superfície que a priori não se deve/pode tocar, o dourado e sua sedução, cobiça. Ela iniciou sua produção com a cerâmica e todas as suas possibilidades de imperfeição e rachaduras, como eixo para refletir e representar o corpo como matéria e sujeito com elementos que simbolizam o cerceamento e o controle. O arame farpado,

que fere, divide e estabelece limites, se inscreve como uma dinâmica recorrente da nossa história no qual a exclusão e o poder se expandem nas relações sociais que abrigam nossa "poética de relação".

James Rowland e Janice Perez: o couro e a madeira que encarnam entidades? Ele com o seu ser híbrido movente, embora totêmico; ela lapidando a braúna, madeira extremamente dura, pesada, escura. Ambos com esculturas que também convidam nosso olhar quase como a tocar essa superfície que é como uma pele. A textura áspera, mas macia dos retalhos de produção de selas para cavalos; e a polidez acetinada e ancestral da madeira muito usada em construções rurais como cercas e porteiras. O resgate do passado que é sempre o hic et nunc. Rowland, que é formado em Geofísica pela Universidade de Edimburgo, na Escócia; também se especializou em marcenaria na escola britânica Waters & Acland. Em suas obras, ele cria formas biomórficas esculpidas na madeira que carregam em si a influência da nossa relação brasileira com a natureza, crenças e folclores. Janice, que já participou em 2013 da Semana de Moda de Londres, com suas joias, esculturas e objetos cuidadosamente talhados em madeiras garimpadas em seus caminhos, em sua pesquisa incessante pelo interior de Minas Gerais em antigas fazendas, foca nas raízes brasileiras enobrecendo a cultura regional que também é universal.

A corporalidade da natureza está representada nas fotografias de Lia Chaia e na fotografia de Davi de Jesus do Nascimento, assim como em suas aquarelas; e nos desenhos e aquarelas de Mariana Coan. Essas obras personificam, literalmente, uma fabulação na qual seres híbridos, mistos se manifestam. A língua em si e sua metáfora; [re]cortada, um rosto que nos encara como que assoberbado e pleno. Ou nas paisagens surreais de Mariana, quase mineiras que nos remete ao grande Guignard, povoadas de indivíduos exóticos? Estranhos? E que estão mergulhados em uma narrativa lúdica, onírica. Nas obras de Lia há humor e provocação, ficções e fricções nas quais ela tensiona as inter-relações humanas com o espaço urbano, a cidade, e a natureza. Em seu processo criativo a artista mistura suportes variados como fotografia, performance e vídeo. Mariana reforça essa intersecção conceitual explorando a associação entre o humano e a natureza em uma simbiose carnal e vegetal, em um exercício que especula a fronteira entre o humano e não-humano, entre o colonizador e colonizado. E do interior de Minhas Gerais, de Pirapora, Davi nos traz os seus "aguamentos barranqueiros" e a "água guardada", como ele mesmo se refere nos títulos de suas obras que, para mim, são complementares. Em um dos trabalhos, da série "sorvedouro", o artista nos traga para o fundo do rio e de suas memórias. São cinco aquarelas que apresentam "bichos", animais, seres que parecem ter saído de um mundo surreal, que surgiram de sonhos do artista: "sonho como que esses bichos morassem no mais profundo umbigo do rio, e minha mãe, que morreu afoga, me dizia que só é possível ver esses bichos quem morre afogado. Eles estão com bucho cheio, são feitos de resto de sedimento do rio, resto de madeira, como um bicho barro tudo junto".

André Felipe, Eveline Sin, Letícia Lopes, Marilá Dardot e Nazareno em suas obras aqui apresentadas, algumas criadas especialmente para a mostra, fazem das palavras um recurso visual com um léxico muito próprio, além de terem uma ligação perene com a literatura. André se utiliza de colagem e impressão digital em papel jornal com lettering em decalque letraset. O artista sempre operou em seu processo artístico em um trânsito entre o analógico e o digital, e nesse políptico exposto ele se apropria de uma frase do livro na qual a serialidade, a repetição e a troca de palavras podem ser uma afirmação ou uma pergunta. Eveline, também escritora, cria o que chamo de truísmos poéticos com uma sintaxe que se perfaz em um vocabulário rítmico que me remetem a haicais e a fragmentos de uma história de cordel. No latão com acabamento

polido, em diversos formatos, inclusive em joias para pendurar no pescoço, ela cria tabuletas nas quais a palavras é d'ouro e escrita com laser. Pequenos e delicados poemas que adornam nossos olhos, corpos ou as paredes de uma casa.

Leticia fez um desenho criado especialmente para **Veredas**, com folhas de ouro e as bordas em veludo, no qual borboletas e mariposas parecem pousar na superfície. Com toda sua carga simbólica relacionada à metamorfose, à sedução da luz em meio à escuridão, ela usa frases, palavras que elaborou a partir sua visão sobre o amor entre Diadorim e Riobaldo, misturadas à frases retiradas do livro "Os trabalhos e as noites" da poeta argentina Alejandra Pizarnik (1936 – 1972). Uma obra me lembra uma cartografia celeste, como um mapa de um céu que também é terra. Na produção de Marilá a literatura sempre esteve presente de muitas maneiras. Não posso deixar de lembrar de sua instalação em Inhotim (MG), "A origem da obra de arte" (2002), composta de 150 vasos de cerâmica em forma de letras, terra, sementes e instrumentos de jardinagem, que podem e devem formar palavras, frases. Aqui, ela apresenta um tríptico formado por três edições diferentes do livro de Rosa, cada um representando um elemento presente na obra, a água, o ar e o fogo. Deles jorram fitas com frases do livro relacionadas ao respectivo elemento. Palavras que ardem, desaguam e pairam nesse fiteiro-livro. Entre o delicado e o denso, o cotidiano, as pequenas grandes coisas que nos rodeiam, física ou subjetivamente, ou em um jogo de palavras - onde lembro do poema revolucionário "Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso" (1897), de Stéphane Mallarmé - Nazareno realiza uma reflexão sobre as suas e as nossas memórias e as relações humanas em uma atmosfera que evoca uma ludicidade melancólica. Nessas obras aqui apresentadas, o artista cria poemas visuais escritos com buril ou com nanquim.

Nos trabalhos de Carolina Krieger, artista que recebeu alguns dos principais prêmios de fotografia do país, como o Pierre Verger (2021) e o Marc Ferrez (2024), a imagem analógica se une à colagem manual como se intensificasse o mistério que nos habita borrando a fronteira ritual entre o visível e invisível. Ela nos oferta uma escritura visual na qual o interdito nos acomete como uma liturgia silenciosa, e cria um universo próprio no qual suas fotos são poemas que podem ser lidos, vistos de maneiras diferentes como se o seu "infinito particular" também fosse de todos nós. Ricardo Sanchez realiza uma operação peculiar no seu modus operandi: a transferência de fotografia, aqui em infravermelho, com impressão sobre chapa de zinco; vale lembrar que o artista geralmente não se utiliza apenas do suporte tradicional na criação de imagens, como o papel, mas também em estruturas brutas como o concreto, metal e pedras. Ele engendra um diálogo entre as imagens transferidas que se tornam seu próprio suporte, transformando-os em protagonistas. William Baglione, artista basilar do cenário cultural brasileiro a partir da década de 1980, com seu estilo fotográfico íntimo e visceral, exibe imagens com elementos que trazem à tona em suas fotografias o "Camp", estética que valoriza o artifício, o deboche, o exagero e a ironia (conceito que a genial Susan Sontag escreveu sobre em um ensaio); e também faz do kitsch uma linguagem que celebra os excessos da cultura pop. Nesse enredo imagético, com cenas nonsense, o absurdo é a lógica em um mundo que se [des]equilibra entre o profano e o sagrado.

Nas pinturas de Antônio Pereira da Silva (Sitó), de Everson Fonseca e Flavia Fabbriziani nos deparamos com uma escrita que é narrada com tintas. E não é o grafite ou o nanquim. Sitó é o único artista falecido presente em **Veredas** (ele morreu em 2012) e tive a sorte de o conhecer em seu ateliê em Cuiabá. Sua obra associada ao universo naif estabelece uma profunda relação com a paisagem e a vida cotidiana rural, e nelas a natureza não é apenas cenário ou paisagem,

também é personagem e tudo convive em harmonia no mesmo plano chapado, bidimensional de suas pinturas. Uma característica recorrente em seus trabalhos é a forma como o figurativo se aproxima de uma dimensão quase abstrata. As cores intensas, quase expressionistas em algumas pinturas, sua capacidade de transformar a experiência simples do cotidiano em uma poética visual imensa. Um caminho, uma lavoura, uma festa ou um agrupamento de casas operam plasticamente como um signo de uma narrativa maior. Onde afetos e memórias, imaginação e invenção se expandem e confluem para várias veredas.

O alagoano Everson cresceu em uma fazenda em Caruaru, Pernambuco. Sua técnica exemplar em suas pinturas cria uma atmosfera lúdica e surreal, como personagens de um conto de fábulas não só para crianças, mas principalmente para adultos. Nessa atmosfera onírica surgem criaturas místicas que criam uma amalgama entre o animal, o humano e o vegetal. Sua pintura se constrói a partir de uma delicada tensão entre precisão técnica e estranhamento poético. Seu hiper-realismo revela um domínio minucioso dos detalhes, da luz e das texturas. Alegoria e símbolos se distribuem na tela. E eis que aquilo que parece absolutamente real começa, paulatinamente, a deslocar-se para um campo de inquietação e mistério. E aqui lembro do universo de René Magritte, no qual o cotidiano é apresentado de forma aparentemente normal, mas inserido em combinações que suspendem a lógica habitual do mundo. E entre o abstrato e o figurativo, Flávia Fabbriziani dá corpo à natureza. Procuramos reconhecer formas, uma árvore, um galho, folhas, plantas, flores, um curso d'água, o vento ou o invisível que atravessa suas pinturas em grande formato naquilo que por momentos deixa de ser figura e se presentifica em manchas de cor, quase como uma caligrafia visual criada pelo gestual da artista, que além de pinceis e espátulas usa o seu corpo, mãos, punho, braço e seu dorso. Nesse embate corpóreo com a tela a paisagem se revela mais que abstrata ou uma representação do mundo, mas também uma estrutura de forças, fluxos e repetições, com camadas de cores se sobrepõem sobre outras.

O erudito e o popular

Como assertivamente afirma a crítica, pesquisadora e professora Walnice Nogueira Galvão em sua coletânea de ensaios "Lendo e relendo", Guimarães Rosa realiza inúmeras abordagens temáticas em sua obra, sejam esotéricas, feministas, filológicas, geográficas, históricas, imagísticas, linguísticas, metafísicas, políticas, psicanalíticas e sociológicas, entre outras. E reforça que o sertão do autor "ocupa lugar privilegiado na literatura brasileira. Seu território de eleição, o interior de Minhas Gerais, é o cenário onde decorre toda a sua obra. Destaca-se pela combinação muito particular que engendrou entre a fala sertaneja e sua erudição poliglota, recuperando arcaísmos e regionalismos, cunhando neologismos e adaptando estrangeirismos, a serviço das sagas locais". Para ela, Rosa coloca em ação na sua prosa a lexicogênese, ou seja, a criação de novas palavras. E que abriga uma ressonância imagética pouco vista na língua portuguesa. Seu sertão não é só uma paisagem naturalista, é também e, principalmente, uma construção verbal que age/atua visualmente. Rosa descreve, retrata o [in]visível e apresenta esse espaço, esse lugar como algo mental, metafísico, mítico. **Veredas** também se ancora nesse pensamento/ilha.

A partilha do sensível

E aqui lembro o que aponta o filósofo francês Jacques Rancière em seu livro "João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada", a ficção não é apenas o ato de inventar mundos que não existem, ela é parte integrante da nossa maneira de fazer o mundo. Para ele a ficção se manifesta como

uma “partilha do sensível”. E cita uma entrevista que Rosa concedeu ao crítico alemão Gunter Lorenz: “ser escritor do sertão não é falar a língua que se utiliza todos os dias no sertão. É, pelo contrário, trabalhar a língua ordinária para afastá-la dela mesma, para que cada palavra seja uma nova palavra, uma palavra semelhante ao que ela seria se fosse usada pela primeira vez, mais proximamente possível da linha que separa a fala do silêncio, o mais proximamente, portanto, da capacidade pela qual toda vida se inventa ao se dizer”. Rancière nos lembra que quase todas as histórias de Rosa têm como assunto a vida dos bandos de jagunços, boiadeiros, dos criadores de gado. Nessa “epopeia homérica” que é o único romance de Rosa, a presença do insólito se materializa nas “vidas ordinárias”, como um “romance de cavalaria em torno da figura arquetípica do guerreiro misterioso com cara de anjo que revela ser, no momento da morte, uma virgem guerreira”.

A linguagem inventiva rosiana faz com que o romance seja lido como um épico literário, mas também uma obra híbrida, com uma lógica própria de composição que cruza os modos literário, visual e sonoro. Rosa em **Veredas** coloca o leitor em uma posição que não é apenas cognitiva, mas perceptiva, sensorial, visual. Não se trata apenas, no livro e na exposição, de ilustrar uma história, mas de materializar a percepção que é simultaneamente, literária, pictórica e fenomenológica.

Tento aqui criar mapas [im]possíveis que se aproximam mais de uma cartografia subjetiva do que de uma paisagem real. Uma exposição que brota de um livro, que aqui age como território expandido a ser atravessado. E nessa travessia a exposição pode ser lida/vista como um dispositivo espacial no qual a palavra se materializa em diversas obras, materiais, suportes e linguagens. É sabido que a ideia de livro expandido, da fotografia ou da pintura que se alarga em outras linguagens e suportes não é recente; existe há quase meio século, desde 1979 com o conceito de “campo expandido”, da Rosalind Krauss que se tornou referencial nos desdobramentos da arte contemporânea em todo o mundo. **Veredas** se oferta como capítulos, zonas de experiência. Não há uma linearidade narrativa: o visitante é convidado a perambular, hesitar, retornar. “O sertão é uma condição”.

A ekphrasis

Na coletiva, trago à tona o conceito da ekphrasis, palavra que na tradição greco-latina, etimologicamente, é composta por ek- (fora) e phrasis (falar/discursar), que se origina a partir de um gesto de deslocamento no qual a palavra deseja tornar-se imagem; em suma, significa a descrição escrita/verbal de uma obra de arte. Em uma curadoria que relaciona artes visuais e literatura ela se ancora em um lugar fundamental no qual o discurso, a narrativa literária procura ocupar o espaço do olhar. Rosa cria um mundo imagético, e o seu romance é, ele próprio, uma máquina ekphrástica.

Dito isso, **Veredas** amplia o conceito de ekphrasis; a exposição não apenas apresenta, descreve imagens, mas também questiona o próprio ato de ver. O romance e a exposição tensionam o estatuto da imagem: o que se lê/vê pode ser ilusão, miragem. A intenção aqui é traduzir, transformar o livro em um espaço/lugar expositivo, onde cada página e as palavras se transfiguram em obras materializadas nas mais diversas linguagens. O sertão é sempre outro, movente, instável — “o sertão é dentro da gente”.

A exposição, assim como o livro na qual foi inspirada, é uma experiência que não se resolve. Lendo ou vendo esse imenso sertão e suas veredas percebemos que ele e ela, livro e exposição, só acontecem, só existem quando são atravessados. E aqui lembro a famosa frase do poeta

espanhol Antonio Machado (1875-1939): “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”. Então bora andar e ver esse sertão que deixa de ser geografia e vira linguagem. Seja textual ou visual. A paisagem que também é passagem. Portanto, parafraseando Segalen, fechemos os olhos e vamos ver na cegueira as coisas que poderão ser vistas.

Jurandy Valença